

A IMPORTÂNCIA DO ESTUDO DOS MITOS PARA A COMPREENSÃO DOS ARQUÉTIPOS

Maria Elizabeth R. Rolim de Moura

Os arquétipos fazem parte de um universo pouco definível, mas imprescindível para a compreensão do indivíduo em seu todo. E, segundo o próprio Jung a significação etiológica do arquétipo fica menos fantástica quando consideramos a mitologia oculta no homem (Jung, 1936/37).

Para os arquétipos inexitem definições finais, existem apenas formas de tentar compreender o seu funcionamento no homem.

Da mesma maneira, não existe uma compreensão final dos mitos, mas sim versões e modos de entendimento deste universo fantástico e com temas definidos. Os mitos fazem parte da humanidade e são representados através de manifestações arquetípicas do indivíduo.

Jung conta em seu livro de memórias que desde 1909, sentiu necessidade de estudo da mitologia para poder compreender a simbologia de uma psicose latente (Jung,1963).

Podemos verificar que em suas obras os personagens mitológicos são fontes de compreensão para o entendimento dos processos humanos, pois são manifestações dos arquétipos em si. Em 1950, no prefácio de sua 4ª edição dos símbolos de transformação, Jung deixa mais uma vez registrado a importância dos mitos para o estudo das manifestações arquetípicas (Jung,1995).

E.C.Whitmont apresenta um estudo sobre a simbologia junguiana, onde o arquétipo é considerado como o elemento central do complexo, e que para serem transformados é necessário atingir o núcleo arquetípico que é caracterizado por imagens e representações mitológicas (Whitmont,1995).

Isto nos leva a uma conexão com a estrutura do indivíduo, o consideramos em sua própria história, pois traz consigo predisposições de ancestrais, de mitos, e repete a mesma simbologia de acordo com seu momento atual.

Na psicologia analítica existem vínculos com os mitos para estudos dos arquétipos,tendo em vista que o inconsciente fala através da linguagem simbólica, a imagem arquetípica, podemos entendê-la a partir dos mitos.

Do arquétipo da sombra ao do self Jung apresentou vários estudos, e podemos perceber que ao longo de suas obras, um mesmo personagem mitológico, apresenta no indivíduo diversas situações arquetípicas.

Kore, personagem bastante analisada por Jung, nos mostra o arquétipo da ânima e do self.

Podemos estudar o lado místico de Kore, a relação mãe e filha e o lado onde existe a divisão filha e mulher, vemos com isto, situações repetitivas em nosso dia a dia. O arquétipo da grande mãe é bastante explorado onde aparecem várias personagens mitológicas, inclusive através delas podemos ver os dois lados da grande mãe, e não somente o lado bom, temos entre elas Deméter e Gaia.

Com o estudo de Hermes, Jung chegou a explicar alguns vínculos com os fenômenos paranormais, tendo como base ter sido Hermes o intérprete do oráculo, poderia considerar uma situação arquetípica com os videntes.

Psiquê e Eros que representam os arquétipos da ânsima e ânimus (Von Franz, 1997), assim como os bandidos representam a sombra. Isis o arquétipo da ânsima. E, assim cada personagem mitológico apresenta uma vinculação com as situações existentes.

Entretanto, mito considerado como favorecedor de modelos para conduta humana (Mircea Eliade, 1998) e como situações que se repetem, nos levam a necessidade do estudo dos acontecimentos da humanidade comparando as situações. Da mitologia grega, da história do Oriente, da Bíblia, entre outros, verificamos que existe esta transmissão além do tempo e do espaço.

Na mitologia grega matava-se em nome de "Zeus", nas civilizações bíblicas, matava-se em nome de "Deus", repetição da mitologia grega, na época atual mata-se em nome de "Alá", ou como queiram denominar seu ser supremo, o fator a ser considerado é que assim como se repetem as guerras "santas", assim se repetem todas as condutas.

CONCLUSÃO

Se partirmos do pressuposto que os indivíduos são um processo num mundo mágico, cheio de mitos, de histórias e estórias contidas em cada um de nós e que o mesmo símbolo pode significar várias implicações e conotações diferentes, de acordo com cada indivíduo, e o que determina o significado é o contexto histórico de cada um que traz consigo além de suas características genéticas, pessoais, individuais, socioculturais, traz algo de muito especial que vem de espaço e tempo inexistentes.

Alguma coisa que sai da memória da coletividade chega ao indivíduo através de formas próprias. Transcende a consciência, mas registra, influencia seu mundo. Fica impossível uma clara explicação dos arquétipos em si, mas é muito clara a ligação com os mitos, com os símbolos.

Sendo que a psicologia analítica trabalha com os símbolos, os mesmos não se definem, mas cada um tenta interpretá-los amplificando-os de acordo com seu EU. Para concluir, citamos Jung, que em seu livro de memórias, ao contar de casos psiquiátricos referiu-se a um de seus casos:

" Precisei suscitar-lhe idéias mitológicas e religiosas, pois era um desses seres que devem desenvolver uma atividade espiritual. Sua vida adquiriu então um sentido; quanto à neurose, desapareceu. Nesse caso, não utilizei "método" algum; sentira a presença do numem". (Jung,1963, p.127).